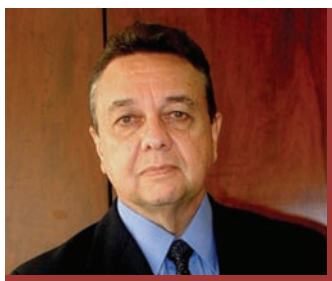


Diário de bordo

Diversificar com doçura



Roberto Rodrigues*

SÃO PAULO tem hoje 3,6 milhões de hectares plantados com cana. A cultura vem sendo acusada de um sem número de “culpas” por desinformação: empobrece o solo, acaba com o ambiente, não permite a produção de alimentos etc.

Mas há alguns temas que demandam atenção. Um deles é o crescimento da área plantada, cujo aspecto negativo é a excessiva concentração de uma única plantação. É a idéia da monocultura, conceitualmente indesejável. Não chegamos ainda a esse estado de coisas, mas é bom estar atento.

Outro é a concentração de renda. Como a cana é um produto muito barato, o que limita o lucro dos produtores é a distância da usina: acima de determinada distância, não terão resultado positivo, de modo que não existe um “mercado” para a cana, o produtor, tão específico que é chamado de “fornecedor”, só pode “entregar” (e não vender) sua produção para a usina que está perto para ter lucro. Isso cria uma relação difícil que leva à concentração da renda. O IAA, baseado nas idéias de Barbosa Lima Sobrinho, administrava isso de forma intervencionista, hoje inaceitável, estabelecendo as quotas de produção e os preços de todos os produtos da cadeia.

Com o fim do IAA, o Consecana foi concebido para substituir essa intervenção, mas não corrigiu inteiramente o problema. Seria interessante aproveitar a nova

fase do etanol para rever os modelos de produção.

Mas o que mais desestabiliza a imagem da cultura é o da sua colheita. Há aqueles que pregam a mecanização do corte por considerarem o serviço manual como um trabalho forçado; e há aqueles que querem segurar a mecanização porque provocaria um gigantesco desemprego.

É preciso buscar o equilíbrio na questão, porque ambos estão certos. A colheita manual da cana é mesmo um serviço duro e embrutece as pessoas, embora traga uma remuneração maior que de outras atividades rurais. Mas acabar com o corte manual realmente pode gerar uma reação social negativa.

O tempo se encarregará: o crescimento da área em outras regiões e no próprio estado irá exigir a mecanização, por escassez da mão de obra. Mas é preciso ajudar o tempo, não apenas esperar que ele passe...

A mecanização deixará de lado cerca de 5 a 10% da área hoje cultivada com cana em São Paulo, um mínimo de 180.000 hectares. Ora, essa área deverá ser utilizada com outras plantações geradoras de emprego mais nobre: frutas, seringueiras, madeira. Com isso, a mão-de-obra dispensada pela colheita mecanizada da cana seria reaproveitada.

No caso de frutas, as próprias cooperativas dos plantadores de cana poderiam investir em fábricas de doces, compotas, sucos, geléias etc, aproveitando sua estrutura excelente em todo o estado, além do açúcar e do bagaço (para combustível) ali produzidos.

No caso da madeira, a agregação de valor se daria com serrarias e movelaria. E no caso da seringueira, como pré-industrialização.

Trata-se de uma solução simples, que resolveria várias questões recorrentes: melhoraria a qualificação da mão-de-obra, reduziria o trabalho bruto da colheita manual da cana, eliminaria a queima da cana, provocaria uma diversificação de culturas reduzindo a monocultura, daria mais renda aos fornecedores e a cooperativa cumpriria seu papel de agregação de valor. ■

* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal

Produzir

Conhecimento e força política



Cesário Ramalho da Silva*

O MINISTRO Reinhold Stephanes declarou a defesa da agropecuária como uma das prioridades máximas de sua gestão. Ressaltou ser básico um sistema de vigilância muito bem ordenado no Brasil. Manifestou-se sobre a necessidade de mais recursos para a área, cerca de R\$ 80 milhões ao ano só para defesa animal. E mais, comprometeu-se com os secretários estaduais de agricultura a dar o máximo empenho para captar recursos dirigidos aos planos estaduais de defesa sanitária nas áreas de fronteira, um dos pontos mais críticos relativos à defesa.

Além disso, devolveu o Sisbov – antes vinculado à Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo – ao organograma da Secretaria de Defesa Agropecuária. E na montagem de sua equipe nomeou o veterinário Inácio Krotetz, ex-Instituto Agronômico do Paraná, para o comando da Secretaria de Defesa Agropecuária.

A SRB concorda com a priorização da defesa agropecuária. Trata-se do alicerce do agronegócio. Sem ela, não há segurança dos alimentos, saúde animal, vegetal, inspeção e fiscalização de produtos, desenvolvimento de padrões sanitários e fitossanitários. Ou seja, todo um conjunto de ações que oferece garantias para o desenvolvimento do setor.

Porém, o destaque dado pelo ministro ao assunto não é compactuado pela cú-